

 <p>ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN FAMECOS</p>	<h1>REVISTA FAMECOS</h1> <p>mídia, cultura e tecnologia</p> <p>Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 32, p. 1-12, jan.-dez. 2025 e-ISSN: 1980-3729 ISSN-L: 1415-0549</p>
<p>https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2025.1.47767</p>	

SEÇÃO: MÍDIA E CULTURA

Narrativas e sentidos em disputa: os imaginários das vacinas contra a covid-19 em rede

Narratives and meanings in dispute: the imaginaries of Covid-19 vaccines in digital networks

Narrativas y sentidos en disputa: los imaginarios de las vacunas contra el Covid-19 en la red

Luana Chinazzo¹

orcid.org/0000-0002-3090-9608
luachinazzo@gmail.com

Recebido em: 31 mar. 2025.

Aprovado em: 27 jun. 2025.

Publicado em: 31 out. 2025.

Resumo: Este artigo investiga os padrões discursivos e os imaginários em torno das vacinas contra a covid-19 a partir da análise de conversações na plataforma X (antigo Twitter) durante o ano de 2020. A pesquisa combina duas abordagens metodológicas complementares, que incluem a Análise de Redes Sociais (ARS), orientada pela abordagem perspectivista, e a Análise de Imaginários Discursivos (AID), voltada à identificação de estruturas simbólicas nas narrativas. Foram analisadas qualitativamente 575 publicações coletadas em três momentos-chave da pandemia, revelando 43 padrões narrativos recorrentes. Os resultados apontam que os discursos sobre vacinação transcendem a dicotomia entre verdade e falsidade, operando por meio de narrativas que mobilizam afetos, arquétipos e símbolos. A vacina foi representada como salvação, ameaça, desejo, renovação, entre outros, oscilando entre os regimes diurno e noturno do imaginário propostos por Gilbert Durand. Conclui-se que os discursos em rede configuram ecossistemas simbólicos, em que sentidos coletivos são disputados, influenciando percepções sociais sobre o corpo, a ciência e a autoridade em tempos de crise.

Palavras-chave: imaginário; redes sociais; narrativas; covid-19; vacina.

Abstract: This article investigates the discursive patterns and imaginaries surrounding Covid-19 vaccines through the analysis of conversations on the platform X (formerly Twitter) during the year 2020. The research combines two complementary methodological approaches: Social Network Analysis, guided by a perspectivist approach, and Discursive Imaginary Analysis, aimed at identifying symbolic structures within narratives. A qualitative analysis of 575 posts collected at three key moments of the pandemic revealed 43 recurring narrative patterns. The results indicate that vaccination discourses go beyond the dichotomy of truth and falsehood, operating through narratives that mobilize affects, archetypes, and symbols. The vaccine was symbolized as salvation, threat, desire, and renewal, among others, oscillating between the diurnal and nocturnal regimes of the imaginary, as proposed by Gilbert Durand. It is concluded that networked discourses constitute symbolic ecosystems where collective meanings are contested, influencing social perceptions of the body, science, and authority in times of crisis.

Keywords: imaginary; social networks; narratives; Covid-19; vaccine.

Resumen: Este artículo investiga los patrones discursivos y los imaginarios en torno a las vacunas contra la Covid-19, a partir del análisis de conversaciones en la plataforma X (antes Twitter) durante el año 2020. La investigación combina dos enfoques metodológicos complementarios: el Análisis de Redes Sociales (ARS), orientado por un enfoque perspectivista, y el Análisis de Imaginarios Discursivos (AID), centrado en la identificación de estructuras simbólicas en las narrativas. Se analizaron cualitativamente 575 publicaciones recogidas en tres momentos



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Pesquisadora de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e pesquisadora colaboradora do Laboratório de Internet e Ciência de Dados (Labic) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

clave de la pandemia, revelando 43 patrones narrativos recurrentes. Los resultados señalan que los discursos sobre la vacunación trascienden la dicotomía entre verdad y falsedad, operando mediante narrativas que movilizan afectos, arquetipos y símbolos. La vacuna fue representada simbólicamente como salvación, amenaza, deseo y renovación, entre otras, oscilando entre los regímenes diurno y nocturno del imaginario propuestos por Gilbert Durand. Se concluye que los discursos en red configuran ecosistemas simbólicos donde se disputan sentidos colectivos, influyendo en las percepciones sociales sobre el cuerpo, la ciencia y la autoridad en tiempos de crisis.

Palabras clave: imaginario; redes sociales; narrativas; Covid-19; vacuna.

Aspectos introdutórios

A pandemia de covid-19 evidenciou novas camadas da esfera pública contemporânea, marcada pela hiperconectividade e pela multiplicidade de narrativas que circulam em plataformas digitais. O debate sobre as vacinas, em particular, tornou-se um dos campos mais intensos de disputas simbólicas, mobilizando crenças, emoções, posicionamentos políticos e regimes de verdade em conflito. Além disso, a forma como a pandemia foi narrada nas mídias sociais influenciou políticas públicas, refletiu posturas empresariais, modulou sentimentos dos usuários e impactou comportamentos individuais e coletivos. Nesse contexto, o X (antigo Twitter) destacou-se como arena privilegiada para a formação e circulação dessas narrativas, que não apenas informaram, mas também performaram modos de ver, sentir e interpretar o mundo.

Narrativas contêm visões de mundo, crenças, ideologias e, sobretudo, **imaginários**. Elas organizam símbolos, arquétipos e esquemas em relatos racionalizados, pois são compostas por **mitos** que orientam nossos pensamentos, experiências e decisões. Para compreender esses imaginários, conforme orienta Silva (2019), é necessário explorar as **camadas simbólicas** que recobrem as narrativas. Com base nessa premissa, este artigo propõe uma abordagem centrada na compreensão dos padrões discursivos e dos imaginários

dinamizados nas conversações digitais sobre vacinas. Partimos da hipótese de que tais discursos operam simbolicamente sobre o tecido social – ativando afetos, medos e esperanças – e buscamos compreender como os sentidos sobre a imunização foram disputados e ressignificados no ambiente digital brasileiro durante o primeiro ano da pandemia².

A análise parte de um *corpus* de 575 postagens coletadas em três momentos distintos de 2020, a partir do qual foram identificadas 43 formas narrativas recorrentes. Nosso foco, porém, está em interpretar esses padrões como vetores simbólicos de um imaginário vacinal em disputa. Para tanto, articulamos dois procedimentos metodológicos complementares: a Análise de Redes Sociais (ARS), orientada pelo método perspectivista, e a Análise de Imaginários Discursivos (AID), que permite acessar os esquemas simbólicos subjacentes à linguagem cotidiana.

A proposta insere-se no campo da Sociologia da Comunicação e dos estudos discursivos em saúde, contribuindo para o debate sobre o papel das mídias sociais na conformação de sentidos coletivos e para a reflexão sobre os desafios simbólicos que envolvem a comunicação pública da ciência. Em vez de reproduzir a dicotomia entre ciência e negacionismo científico como polos fixos, buscamos observar os regimes de significação que estruturam esses discursos e os modos como o imaginário social é mobilizado para legitimar ou deslegitimar o conhecimento científico em tempos de crise.

Disputas simbólicas em rede

As narrativas em contextos digitais têm sido amplamente exploradas por diferentes vertentes dos estudos em comunicação, especialmente diante da intensificação das disputas discursivas no ambiente hipermediático contemporâneo. Segundo Lyotard (1988), o descrédito nas chamadas "grandes narrativas" inaugura a lógica da

² Esta pesquisa é um desdobramento do estudo desenvolvido durante o doutorado da autora, representando um esforço interdisciplinar centrado na investigação do imaginário. O trabalho foi realizado em dois importantes centros de pesquisa dedicados ao tema: a linha de pesquisa Imaginário, Indústria Criativa e Tecnologias Emergentes, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), e o Laboratoire d'Études Interdisciplinaires sur le Réel et les Imaginaires Sociaux (LÉIRIS), no âmbito do doutorado em Sociologia da Université Paul Valéry - Montpellier 3 (UPVM3).

pós-modernidade, marcada pela fragmentação dos relatos e pela convivência simultânea de discursos concorrentes. Seargeant (2022) defende que a história deixou de ser compreendida como uma única linha contínua, dando lugar a múltiplas versões em disputa. Essas perspectivas, articuladas por diferentes grupos sociais, expressam tensões e tentativas de afirmações sobre a realidade. Elas continuam a ser mobilizadas e reiteradas, especialmente na cultura *mainstream* e nos meios de comunicação, funcionando como pano de fundo naturalizado, isto é, uma moldura simbólica diante da qual outras narrativas individuais e coletivas se posicionam, seja em oposição ou em diálogo.

No cenário pandêmico, essa fragmentação encontrou terreno fértil: discursos de autoridades científicas coexistiram com conteúdos desinformativos, teorias conspiratórias, experiências pessoais, memes e desabafos; compondo um mosaico discursivo instável e emocionalmente carregado. Mais do que a análise da veracidade desses discursos, interessa-nos aqui sua dimensão simbólica, ou seja, sua capacidade de articular significados coletivos, evocar arquétipos e alimentar afetos. Diante disso, a noção de imaginário social nos oferece um aporte fundamental. Conforme Silva (2017; 2019), o imaginário não é uma fantasia ou ilusão, mas um campo simbólico de produção de sentido que excede o racional e organiza nossas formas de ver e agir no mundo. É a partir dos imaginários que os discursos adquirem ressonância, ganham força e mobilizam adesão.

As narrativas, permeadas por imaginários, operam como tradutoras de conhecimentos objetivos e subjetivos sobre o mundo, conforme afirma Motta (2013), sendo essenciais para a organização da temporalidade e das relações humanas. É por meio delas que narramos nossas experiências, construímos vínculos e situamos os acontecimentos em quadros de sentido. Seargeant (2022) aprofunda esse raciocínio ao sustentar que a habilidade narrativa foi fundamental para o sucesso evolucionário da humanidade. As histórias permitiram a invenção de deuses, nações,

sistemas legais e moedas – ideias abstratas que só existem porque são compartilhadas simbolicamente. Nesse sentido, elas **criam realidades sociais** e reforçam identidades coletivas.

Trata-se de um fenômeno complexo, que se materializa em fragmentos discursivos que circulam pelas plataformas digitais e que frequentemente se originam em eventos reais, ressignificados conforme os sistemas de crença de diferentes grupos (Leal, 2006; Malini *et al.*, 2020). Muitas vezes, esses conteúdos partem de informações veiculadas pela mídia tradicional, cuja autoridade ainda é relevante, mas que são recortadas e reinterpretadas de modo a confrontar os discursos jornalísticos e institucionais. Assim, narrativas e contranarrativas coexistem e disputam legitimidade simbólica, em um jogo no qual a aderência ao factual é menos importante do que a eficácia simbólica na articulação de afetos e identificações.

Uma pesquisa realizada pelos psicólogos Melanie Green e Timothy Brock, citada por Seargeant (2022), mostrou que narrativas ativam áreas cerebrais mais amplas do que argumentos racionais, promovendo uma recepção mais intensa e menos crítica em relação à credibilidade do narrador. Isso explica sua potência enquanto instrumento de persuasão, especialmente quando vindas de fontes pouco confiáveis ou com baixo repertório argumentativo. É por esse motivo que elas se tornam ferramentas estratégicas na comunicação política e nas disputas ideológicas contemporâneas, apelando para experiências cotidianas e ativando arquétipos culturais que ressoam com o público.

Nesse contexto, o conceito de narrativismo, proposto por Malini (2020), ganha centralidade. Trata-se da produção e circulação estratégica de narrativas com o objetivo de intervir na percepção da realidade e no debate público. Tais conteúdos são construídos por meio da mobilização de repertórios culturais e afetivos, assim como são capazes de estruturar sentidos, formando e fortalecendo o senso de comunidade, e disputando a agenda pública. Eles frequentemente envolvem o uso de “fatos alternativos”, apelam

ao ceticismo em relação aos meios de comunicação e difundem uma visão de mundo em que a realidade é percebida como uma ficção fabricada pelas elites.

Durante a pandemia, o narrativismo se manifestou em diversas frentes: teorias conspiratórias sobre a origem do vírus, condenações ao isolamento social, promoção de tratamentos sem respaldo científico, disseminação de medo em relação aos imunizantes e, por fim, o próprio negacionismo da existência da pandemia (Malini, 2020; Pereira; Prates, 2020). Esses discursos, ainda que baseados em estruturas narrativas intuitivas, são negacionistas, pois rejeitam evidências científicas e fragilizam a confiança nas instituições democráticas.

Em vez de vínculos racionais, prevalecem hoje laços simbólicos e afetivos. Maffesoli (2012) já apontava o retorno dessas formas elementares de pertencimento na vida social contemporânea. Nas redes, isso se expressa pelas afinidades conectivas (Susca, 2019), nas quais sujeitos se conectam a partir de crenças, afetos e visões de mundo compartilhadas. As mídias sociais, nesse sentido, funcionam como tecnologias do imaginário (Silva, 2019): dispositivos (Foucault, 1987) que constroem, disseminam e cristalizam sentidos, bem como estabelecem laços sociais (Maffesoli, 2001).

As plataformas digitais amplificam essas disputas simbólicas por meio de lógicas algorítmicas (Van Dijck; Poell; De Waal, 2018; Gillespie, 2010, 2014; Bruno, 2013), que filtram e priorizam conteúdos com base na *performance* afetiva. Como observa Pariser (2012), os algoritmos reforçam crenças preexistentes e contribuem para o fechamento epistêmico, intensificando a polarização. O ambiente digital, portanto, além de acolher e circular narrativas em disputa, funciona como ecossistema simbólico de mediação da experiência social.

Essas dinâmicas narrativas e simbólicas indicam que os discursos em rede, particularmente aqueles relacionados à vacinação, não se restringem à circulação de informações ou à oposição

entre verdade e falsidade. Eles operam dentro de uma ecologia comunicacional na qual os sentidos são continuamente moldados por emoções, identificações e repertórios simbólicos. A compreensão desse cenário pode ser aprofundada a partir da abordagem aqui proposta, que reconhece o papel estruturante dos imaginários na mediação da experiência social e na construção das disputas por legitimidade. As tecnologias do imaginário constituem o terreno no qual esses sentidos se formam, fluem e se cristalizam. É nesse ambiente que as narrativas sobre ciência, corpo, autoridade e imunização ganham força e influenciam percepções e decisões individuais e coletivas.

Por fim, a articulação entre os discursos e os ícones do imaginário vacinal – como figuras míticas, imagens distorcidas do cientista ou metáforas do corpo vacinado – permite compreender as camadas simbólicas que atravessam as falas sobre a imunização. Em tempos de crise, como indicam Silva (2017) e Motta (2013), os discursos não apenas descrevem o real, mas organizam seus sentidos, mediando decisões e formas de pertencimento coletivo.

Metodologia

Este estudo articula dois procedimentos metodológicos: a Análise de Redes Sociais, orientada pela abordagem perspectivista de Malini (2016), e a Análise de Imaginários Discursivos, conforme proposta por Silva (2019). **A articulação entre esses dois métodos** permitiu mapear os fluxos de interação e os agrupamentos discursivos nas redes, além de acessar os **regimes simbólicos e afetivos** que atravessam os discursos sobre vacinação.

A ARS foi utilizada para identificar relações de afinidade entre usuários do X (antigo Twitter), com base em redes de *reposts*. Esse método perspectivista adota uma lógica interpretativa e não determinista, priorizando a compreensão das perspectivas que emergem nas mídias digitais em seus contextos relacionais. As coletas, realizadas por meio da antiga API (*Application Programming*

Interface) do Twitter³, abrangeram três períodos distintos de 2020, marcados por eventos críticos no debate público sobre vacinas no Brasil:

a) Período 1 (22 de junho a 1º de julho): início dos ensaios clínicos da vacina Oxford/AstraZeneca no Brasil. Foram coletadas 349.789 publicações de 240.227 usuários, sendo 270.505 *reposts*⁴;

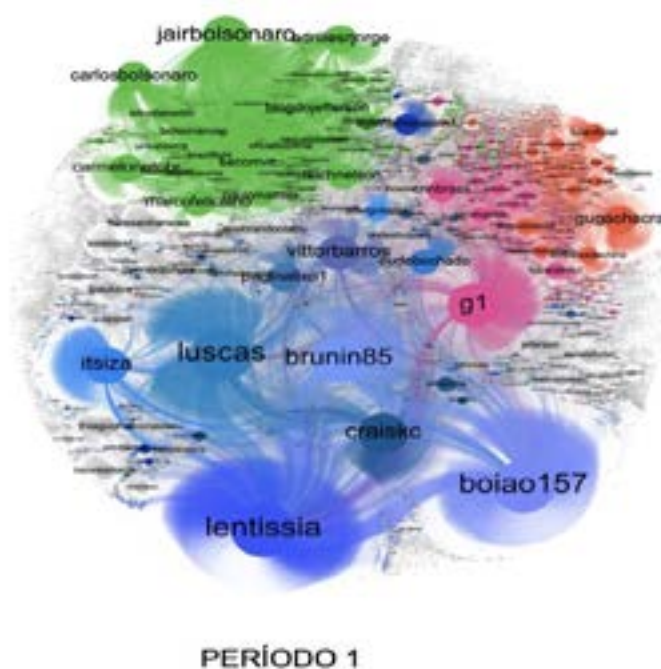
b) Período 2 (8 a 17 de novembro): morte de um voluntário da CoronaVac e a suspensão temporária dos testes pela Anvisa. A base reúne 441.270 mensagens de 195.988 usuários, com 302.472 *reposts*;

c) Período 3 (13 a 21 de dezembro): repercussão da fala do então presidente Jair Bolsonaro sobre o suposto risco de “virar jacaré” com a vacina. Foram coletadas 1.456.521 mensagens de 538.477 usuários, sendo 1.064.678 *reposts*.

A partir da visualização das redes no *software* Gephi, foram identificados três agrupamentos principais de perfis (Figura 1), representados por diferentes cores. O **primeiro grupo**, identificado pela cor verde, concentra apoiadores do então

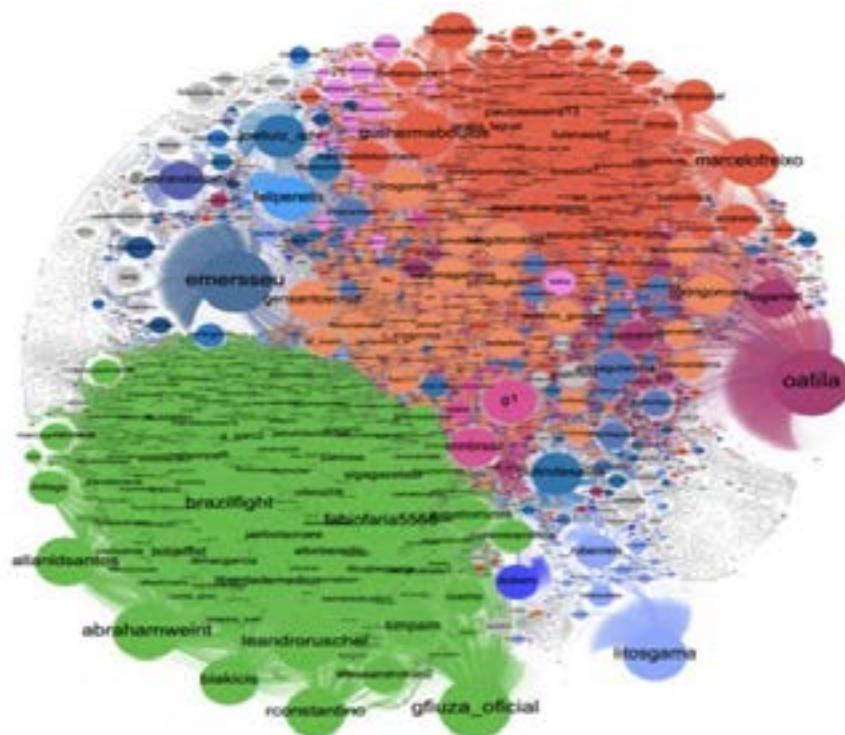
presidente Jair Bolsonaro e se destaca pela estabilidade ao longo do tempo, tanto em termos de tamanho quanto de posicionamento no grafo. O **segundo grupo**, por sua vez, é composto por subgrupos que reúnem veículos da imprensa (em rosa), divulgadores científicos (em magenta) e opositores políticos ao governo (em tons de vermelho e laranja). Apesar da variação em sua composição, esses *clusters* mantêm conexões recorrentes entre si, justificando sua análise conjunta. Já o **terceiro grupo**, representado em tons de azul, agrega influenciadores e perfis virais, com alto grau de entrada, mas configuração variável a cada período. Com base nessa segmentação, foram construídos grafos semânticos com os termos mais recorrentes em cada grupo. A partir deles, foram selecionados três *clusters* por grupo em cada período, representando diferentes perspectivas sobre os acontecimentos. Ao todo, portanto, foram analisados qualitativamente 27 recortes discursivos.

Figura 1 – Redes de *reposts* dos três períodos analisados, com agrupamentos discursivos destacados por cores

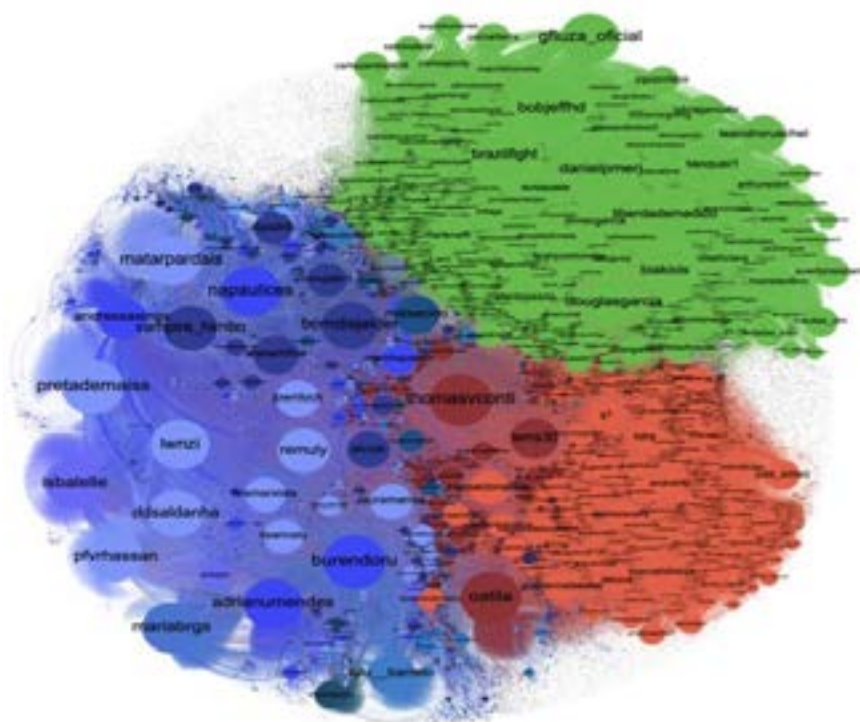


³ Os dados foram coletados e processados a partir do *software* Ford, desenvolvido pelo Laboratório de Internet e Ciência dos Dados da Universidade Federal do Espírito Santo (Labic/UFES).

⁴ No primeiro período, a coleta considerou os termos “vacina” e “vacinação”, no entanto, 97,8% do *corpus* (342.256 mensagens) continham apenas “vacina”. Por isso, nos períodos seguintes, optou-se por utilizar exclusivamente esse termo, tratando a inclusão de “vacinação”, nesse primeiro recorte, como um desvio controlado, sem impacto significativo nos resultados.



PERÍODO 2



PERÍODO 3

Fonte: Elaboração própria via Gephi, a partir de dados da API do Twitter.

Na etapa seguinte, utilizou-se a **Análise de Imaginários Discursivos** sobre um subconjunto de **575 publicações, cujos termos se destacaram nessas 27 perspectivas**, organizando-os conforme tópicos emergentes identificados. Esse procedimento permitiu uma leitura aprofundada dos sentidos mobilizados nas interações, resultando na **identificação de 43 padrões narrativos recorrentes** relacionados ao debate vacinal, sistematizados na próxima seção.

Padrões discursivos e imaginários das vacinas

A partir da articulação metodológica descrita, foi possível observar que as conversações sobre vacinas não se estruturaram apenas em torno de fatos e argumentos, mas, sobretudo, como **disputas simbólicas em torno de significados compartilhados, assim como supomos em nossa hipótese**. A análise evidenciou a existência de múltiplos padrões narrativos organizados por meio de regimes simbólicos distintos, cujos sentidos são moldados por disputas ideológicas, políticas, culturais e afetivas.

As diferentes formas de narrar as vacinas contra a covid-19 abrangem desde a sua representação como elemento essencial para a superação da crise sanitária até a sua vinculação com boatos e falsidades amplamente difundidos. Em algumas postagens, o voluntariado nos testes clínicos é enaltecido como privilégio e oportunidade de proteção antecipada, sendo a vacina representada como elemento-chave para o fim do isolamento social. Por outro lado, surgem críticas ao tempo reduzido de desenvolvimento dos imunizantes, levantando dúvidas quanto à segurança em comparação a vacinas tradicionais, o que alimenta inseguranças e hesitações entre os usuários.

O componente político está fortemente presente, tanto em relação ao cenário nacional quanto ao internacional. As disputas narrativas se expressam na polarização entre grupos favoráveis e contrários à vacinação. No contexto brasileiro, por exemplo, a vacina chinesa foi alvo de uma retórica anticomunista, associada a dis-

putas políticas internas. Já no contexto exterior, circularam teorias segundo as quais a reeleição de Donald Trump teria sido prejudicada por uma aliança entre grandes veículos de mídia e indústrias farmacêuticas, em prol da eleição de Joe Biden, utilizando o tema da vacinação como parte da estratégia.

Narrativas conspiratórias adicionam camadas de complexidade ao debate, com alegações sobre as vacinas conterem *chips* de monitoramento, alterarem o ácido desoxirribonucleico (DNA) humano ou integrarem planos globais de dominação. Nessas teorias, nomes da elite global, como Bill Gates, ou o governo chinês são recorrentemente associados aos supostos malefícios dos imunizantes. As interpretações negacionistas, muitas vezes permeadas por estigmas territoriais, relacionam as vacinas a conteúdos sensacionalistas e com forte apelo emocional, que incluem temas como morte, suicídio e até mesmo abuso sexual.

Mesmo diante de tais conflitos simbólicos, persiste uma visão positiva que compreende a vacinação como responsabilidade social e direito universal. Algumas publicações resgatam o valor das vacinas como recurso fundamental para o retorno à normalidade, e há manifestações que romantizam ou mesmo sexualizam o ato de vacinar, evidenciando a intensidade do desejo de reencontro com a liberdade e com as experiências plenas da vida social que perpassava as conversações.

Esses sentidos também abrangem narrativas que celebram a colaboração científica internacional, a participação voluntária em testes e o desenvolvimento acelerado das vacinas como feito técnico a ser comemorado. Em contrapartida, discursos negacionistas continuam a apontar riscos à saúde, reforçam a ideia de manipulação populacional ou corrupção associada às campanhas de vacinação e, em muitos casos, atribuem à vacina um significado transcendental ou religioso, seja como milagre, seja como ameaça demoníaca, dependendo do campo simbólico mobilizado.

A pluralidade de discursos encontrados ilustra a complexidade das percepções e emoções

compartilhadas pela população brasileira durante o período da pandemia. As interações no X (antigo Twitter) demonstram como diferentes grupos engajaram ativamente na criação e circulação de narrativas concorrentes, cada uma disputando atenção e legitimidade na esfera pública digital. Tais discursos revelam, particularmente, o uso estratégico do narrativismo, impulsionado pelas tecnologias do imaginário. Em um ambiente propício à desinformação e à difusão de teorias conspiratórias, a confiança nos imunizantes foi minada e a polarização política e social, intensificada.

A diversidade das narrativas corrobora a análise

de Seargeant (2022), que aponta a substituição das grandes narrativas estruturantes da modernidade por múltiplas perspectivas e histórias concorrentes, conforme Lyotard (1988) já havia sugerido. Essas narrativas fragmentadas expressam, portanto, uma nova configuração do espaço público, marcada pela circulação descentralizada de sentidos, disputas de legitimidade e constante reconfiguração simbólica da realidade.

Todos esses elementos foram sistematizados nos 43 padrões discursivos identificados como narrativas a partir das mensagens analisadas, e estão resumidos no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 - Padrões discursivos sobre as vacinas contra a covid-19

Narrativas positivas	Benefício de participar como voluntário em testes	Narrativas em resposta aos negacionistas	Critica aos antivacinas/negacionistas
	Espiritualização da ciência		Desassociação de vacina e fatalidades
	Expectativa positiva pela vacina		Efeitos negativos da não-imunização
	Frustração pela demora na disponibilidade da vacina	Narrativas científicas	Cooperação científica
	Romantização da vacina		Disputa científica
	Sexualização da vacina		Método científico
	Vacina como artefato mágico		Papel dos cientistas
	Vacina como mal menor		Segurança das vacinas
	Vacina como recurso valioso		Campanha de vacinação
	Vacina como única esperança		Controle social por meio da vacina
Vacina e vida	Discurso anticomunista		
Narrativas desinformativas	Desenvolvimento acelerado das vacinas	Narrativas sociopolíticas	Judicialização da vacina
	Discurso antivacina/negacionista		Lucro de políticos com vacina
	Estigmatização das vacinas		Politização da vacina
	Falácias sobre as vacinas		Preferência vacinal anti-China
	Risco de participar como "co-baia" em testes		Preferência vacinal pró-China
	Teoria da conspiração		Vacina como conquista de Bolsonaro
	Vacina e homossexualidade		Vacina como dever cívico
	Vacina e estupro		Vacina como direito de todos
	Vacina e morte	Outras narrativas	Medo de agulha
	Vacina e suicídio		Narrativa distópica
			Reações adversas à vacina

Fonte: Elaboração própria.



Os padrões identificados revelam que os imaginários que predominam nos discursos sobre as vacinas contra a covid-19 se estruturam no regime simbólico que Durand (2012) nomeia como diurno. Nessa estrutura, as narrativas se organizam em torno da lógica da oposição entre forças antagonônicas, como na vitória da luz sobre a escuridão e na centralidade do herói que combate o mal. Essas dinâmicas foram observadas tanto nas narrativas pró-vacina, que visualizam a imunização como arma de salvação contra o vírus (e, simbolicamente, contra o então presidente Jair Bolsonaro), quanto nas narrativas negacionistas, nas quais o próprio Bolsonaro é figurado como herói em luta contra um sistema corrupto e autoritário representado pela imprensa, pela elite econômica e pela própria ciência. Trata-se, portanto, de uma disputa simbólica em torno de enredos semelhantes, mas com papéis invertidos.

A vacina, nesse contexto, aparece ora como instrumento de salvação coletiva, ora como ameaça imposta por inimigos ocultos. Para os defensores da vacinação, ela é simbolizada como escudo, torre, lança ou artefato sagrado – imagens que remetem à proteção, à transcendência e à sacralidade. Nas representações negacionistas, a vacina é frequentemente verticalizada como

ferramenta de dominação, controle biopolítico ou até instrumento letal, como uma foice, que remete à morte e ao comunismo. Essas imagens acionam medos e crenças arraigadas, contribuindo para a eficácia simbólica dos discursos.

A partir da análise discursiva das 575 publicações selecionadas, foi possível identificar arquétipos narrativos recorrentes, como “A Busca” (jornada em busca de algo valioso, marcada por desafios e provações) e “Superando o Monstro” (o protagonista enfrenta e vence o antagonista), ambas descritas por Booker (2004), e a “Jornada do Herói”, proposta por Campbell (1949). Esses arcos narrativos, que são desenvolvimentos sequenciais em uma história, desde uma situação inicial até sua resolução, demonstram padrões dialéticos que opõem um herói a monstros ou dificuldades que ele deve vencer. Em nosso *corpus*, esses enredos estruturam as narrativas sobre a vacina como histórias de sacrifício, superação ou redenção, o que intensifica sua carga simbólica e emocional. Por fim, nos discursos críticos à vacinação, identificam-se também narrativas de “decadência moral”, “fim dos tempos” ou “invasão do corpo”, as quais também evocam medos associados à integridade física e às liberdades individuais.

Quadro 2 - Vacinas como símbolos do regime diurno

Vacina simbolizando a luta heroica em defesa da vida	Vacina simbolizando a força maligna contra a vida
	

Fonte: Elaboração própria.

Além das estruturas arquetípicas do regime diurno, identificou-se também a presença de símbolos associados ao regime noturno, mais ambíguos e profundos. Esse regime se manifesta, primeiramente, nos discursos que suavizam ou intensificam suas posições conforme a conveniência ideológica, demonstrando flexibilidade na representação da imunização. Também se ma-

nifesta em expressões que evocam o ano-novo, o recomeço ou o “retorno à vida” associadas à chegada da vacina. A vacinação, nesses casos, assume o papel de rito de passagem, como um marco que separa o trauma da pandemia de um futuro de retomada das relações sociais e afetivas. Essas narrativas revelam a presença de estruturas sintéticas, que conciliam contradições por meio

de ritmos cíclicos e lógicas dramáticas. A figura do herói, por exemplo, pode reunir traços opostos ou até se confundir com seu adversário, como propõe a lógica da *coincidentia oppositorum*.

Essa ambiguidade dá forma a rituais de iniciação, sacrifício e regeneração, marcados pela alternância entre morte e renascimento – tal como simboliza a lua com suas fases, expressando a constante oscilação entre opostos. Essa visão cíclica do mundo, característica do regime noturno, contrapõe-se à linearidade e ao dualismo do imaginário diurno, mais voltado a conflitos e polarizações. Para Mircea Eliade (1972), o mito do fim do mundo, presente em diversas culturas, está ligado à ideia de destruição seguida por renovação. Esse mito envolve cataclismos que aniquilam a humanidade quase por completo, simbolizando a passagem de uma era antiga para outra. Exemplos como o Dilúvio ilustram essa lógica cíclica, em que o caos dá lugar à regeneração. Eliade também associa o rito do ano-novo à renovação do tempo, momento simbólico de reinício e transformação espiritual. Durand (2012) complementa essa reflexão ao destacar a ritmicidade desses ciclos, que organizam o tempo como sucessão de destruição e renascimento.

Notam-se, ainda, os contornos do regime noturno em mensagens que evocam a "segura e quente intimidade da substância" (Durand, 2012, p. 194), em um processo simbólico de reversão

por meio da eufemização. Na estrutura mística do regime noturno, ocorre uma suavização simbólica que transforma o medo em prazer por meio da eufemização, processo que inverte significados por meio da antífrase. Nesse contexto, não se busca superar o medo, mas desfazê-lo, convertendo imagens ameaçadoras em experiências sensoriais acolhedoras – quentes, viscosas e penetrantes. Assim, as figuras ameaçadoras são suavizadas a tal ponto que sua carga de pavor se converte em sensações de prazer e acolhimento.

Esse imaginário aparece nas narrativas analisadas quando a imunização é sexualizada ou associada a formas de aplicação menos invasivas, como a vacina oral em gotas, suavizando o temor de agulhas. Outro exemplo são discursos que minimizam os riscos da vacina por meio da comparação com situações "ainda piores", como comer alimentos industrializados ou comprados em lugares pouco higiênicos. Nesses casos, a negação é usada para reverter o medo e gerar identificação, utilizando a linguagem do próprio adversário. Essa lógica contrasta com a mentalidade dualista do regime diurno, ao abraçar a ambiguidade por meio do humor. Tais narrativas se aproximam do arquétipo "de mal a pior", descrito por Booker (2004), em que a situação do protagonista se agrava continuamente, sem resolução aparente, como no exemplo clássico de *A Metamorfose*, de Kafka.

Quadro 3 - Vacinas como símbolos do regime noturno

Vacina simbolizando a renovação	Vacina simbolizando o penetrante e íntimo, que eufemizam um perigo
	

Fonte: Elaboração própria.

Os regimes diurno e noturno, propostos por Durand (2012), não se opõem de forma rígida, mas dialogam em busca de um equilíbrio sim-

bólico. Essa relação dinâmica é possível graças à ambivalência própria do imaginário, que permite às imagens transitar entre significados positivos e

negativos. A imaginação, nesse processo, transforma os símbolos ao inverter suas projeções, expressando uma mesma libido sob diferentes formas. Essa mobilidade simbólica permite, por exemplo, que elementos associados à agressividade ou à negatividade sejam ressignificados como expressões de amor, transformação ou morte, articulando sentidos sobre o tempo e a experiência humana.

Considerações finais

A análise das interações na plataforma X (antigo Twitter) demonstra que as discussões em torno das vacinas contra a covid-19 foram atravessadas por fortes apelos afetivos, que alimentaram temores e suspeitas, mas também celebraram a ciência e até idealizaram a imunização. Essa heterogeneidade de posicionamentos reforça a relevância de compreender como as narrativas moldam o campo da saúde pública, influenciam decisões sociais e políticas, e mobilizam as emoções individuais e coletivas. A proliferação de conteúdos falsos e enganosos e o uso deliberado de enredos simbólicos para direcionar percepções evidenciam a urgência de ações voltadas à educação midiática, bem como à criação de estratégias específicas para enfrentar a desinformação.

Este estudo demonstrou como o imaginário da vacinação contra a covid-19 foi ativado e disputado em uma arena comunicacional profundamente marcada pela polarização ideológica e pela intensificação dos afetos. As narrativas que emergem nesse contexto descrevem acontecimentos, organizam percepções, acionam memórias culturais e traduzem experiências coletivas de medo e esperança. A análise dos 43 padrões discursivos identificados revelou que os sentidos da vacina oscilam entre polos simbólicos contrastantes e são modulados por estruturas arquetípicas que operam nos dois regimes do imaginário propostos por Durand (2012).

Ao mobilizar arquétipos como o herói e o monstro, as narrativas estruturadas no regime diurno operam por meio da lógica do enfrentamento e da redenção. Já os discursos noturnos

ativam camadas simbólicas mais ambíguas e profundas, nas quais a vacina aparece como rito de passagem, milagre regenerador ou mesmo experiência sensual e corporal. Essa pluralidade de formas demonstra como a pandemia e a vacinação, além de catalisarem conflitos políticos e ideológicos, também transformaram o modo como a sociedade lida com o corpo e a ciência.

As redes digitais, nesse contexto, funcionaram como tecnologias do imaginário, por meio das quais sentidos foram construídos, disputados e reformulados a partir de estruturas narrativas que envolvem tanto racionalidades quanto afetos. A análise dos discursos no X (antigo Twitter) permite entender como a circulação de notícias, memes, relatos pessoais e outros tipos de conteúdo contribui para a formação de crenças e atitudes em relação à ciência, à saúde e às instituições públicas.

Por fim, ao reconhecer a força simbólica das narrativas no ecossistema digital, este trabalho reforça a importância de compreender os regimes do imaginário como chave interpretativa para os debates públicos contemporâneos. Em tempos de crise, em que os vínculos racionais se fragilizam e os afetos se mostram centrais na produção de sentido, compreender os símbolos que estruturam as narrativas torna-se essencial para pensar políticas de comunicação pública mais sensíveis, plurais e transformadoras.

Referências

- BOOKER, C. **The Seven Basic Plots**. Londres: Bloomsbury, 2004.
- BRUNO, F. **Máquinas de ver, modos de ser**: vigilância, tecnologia e subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- CAMPBELL, J. **The Hero with a Thousand Faces**. Nova Jersey: Princeton University, 1949.
- DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução: Raquel Ramalheite. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GILLESPIE, T. The Politics of 'Platforms'. **New Media & Society**, [s. l.], v. 12, n. 3, p. 347-364, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1461444809342738>. Acesso em: 3 jul. 2025.

GILLESPIE, T. The Relevance of Algorithms. *In*: GILLESPIE, T.; BOCZKOWSKI, P.; FOOT, K. (ed.). **Media Technologies**. Cambridge, MA: MIT Press, 2014. DOI: <https://doi.org/10.7551/mitpress/9780262525374.003.0009>.

LEAL, B. Saber das narrativas: narrar. *In*: GUIMARÃES, C.; FRANÇA, V. (org.). **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 19-27.

LYOTARD, J. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

MAFFESOLI, M. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 15, p. 74-82, ago. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2001.15.3123>. Acesso em: 24 mar. 2025.

MAFFESOLI, M. **O tempo retorna: formas elementares da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MALINI, F. *et al.* Medo, infodemia e desinformação: a timeline dos discursos sobre coronavírus nas redes sociais. **Revista UFG**, Goiânia, v. 20, n. 26, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/revufg.v20.66593>. Acesso em: 3 jul. 2025.

MALINI, F. O vírus e o negacionismo: o sentimento anti-China na origem do discurso negacionista sobre covid-19. **Labic**, Vitória, 1 set. 2020. Disponível em: <https://www.labic.net/cartografia/o-virus-e-o-negacionismo-o-sentimento-anti-china-na-origem-do-discurso-negacionista-sobre-covid-19/>. Acesso em: 23 mar. 2025.

MALINI, F. Um método perspectivista de análise de redes sociais: cartografando topologias em rede. *In*: ENCONTRO ANUAL DA COMPOS, 25., 2016, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: Compós, 2016. Disponível em: https://www.labic.net/wp-content/uploads/2016/06/compos_Malini_2016.pdf. Acesso em: 3 jul. 2025.

MOTTA, L. G. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: UnB, 2013.

PARISER, E. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PEREIRA, H.; PRATES, V. Propagação do vírus, disseminação do ódio: circulação dos afetos nas fakenews sobre a covid-19. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 8, n. 1, p. 10-25, out. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/rzm.v1i1.15273>. Acesso em: 3 jul. 2025.

SEARGEANT, P. **The Art of Political Storytelling: Why Stories Win Votes in Post-truth Politics**. Londres: Bloomsbury, 2022.

SILVA, J. M. da. **Diferença e descobrimento**. O que é o imaginário? A hipótese do excedente de significação. Porto Alegre: Sulina, 2017.

SILVA, J. M. da. **O que pesquisar quer dizer**. Porto Alegre: Sulina, 2019.

SUSCA, V. **Afinidades conectivas**. Porto Alegre: Sulina, 2019.

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; DE WAAL, M. **The Platform Society: Public Values in a Connective World**. [S. l.]: Oxford University Press, 2018.

Luana Chinazzo

Doutora e mestra em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e doutora em Sociologia pela Université Paul Valéry – Montpellier 3. Pesquisadora de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS e pesquisadora colaboradora do Laboratório de Internet e Ciência de Dados (Labic) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Endereço para correspondência

Miguel Teixeira, 66/701

Cidade Baixa, 90050-250

Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.